

Circulação do Desejo: esporte, corpos atléticos e práticas de sexo

Wagner Xavier Camargo¹

RESUMO

Este artigo tecerá considerações sobre práticas sexuais no circuito de festividades que cercam eventos esportivos dirigidos para sujeitos LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e pessoas trans). Por meio da circulação global de corpos, desejos e capitais, dentro de uma indústria do turismo sexual, este *paper* especula o que denomina 'circulação do desejo' e tem como propósito, em primeiro lugar, trazer uma etnografia antropológica singular sobre o mencionado universo esportivo – mapeando também o circuito de festas e as práticas de sexo – e, em segundo, refletir se tais práticas seriam normatizadas por roteiros pré-estabelecidos ou se fariam parte de outra dimensão, nem normativa, nem transgressiva, mas que poriam à prova o exercício da sexualidade hegemônica e do próprio esporte.

Palavras-chave: Sexo entre homens; Mundo esportivo; Etnografia; Homossexualidade

ABSTRACT

This article presents some issues on sexual practices of risk in the circuit of parties surrounding sporting events for LGBT people (lesbian, gay, bisexual and transgender). Taking the global circulation of bodies, desires and capital (within a global sex tourism industry), this paper aims to understand what it could be called 'circularity of desire'. For that, firstly it brings a singular ethnography of this sport universe, mapping the circuit of such parties and sex practices; and, secondly, it considers whether these practices would be normalized by pre-established scripts, or if they are part of another dimension, neither ruled nor transgressive, but would test the hegemonic sexuality and the ways of doing sport.

Key-words: Sex between men; Sports World; Ethnography; Homosexuality

¹ Doutor em Ciências Humanas. Pesquisador-júnior pós-doutorando no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

O MUNDO DAS COMPETIÇÕES ESPORTIVAS LGBT²

Ocorre no mundo, há cerca de pouco mais de 30 anos, um evento peculiar na estrutura do ‘sistema esportivo global’ (RIAL, 2008): os Jogos Gays ou ‘Gay Games’, conforme patenteado pela Federação dos Gay Games (FGG), organização com sede nos Estados Unidos.

Originado neste país em meados dos anos 1980, tais jogos foram criados com o objetivo de reunir, num mesmo local e sem preconceitos instituídos, atletas de distintas orientações sexuais (homossexuais, bissexuais e travestis) e mesmo heterossexuais, que defendessem um mundo onde a inclusão e a livre participação no esporte fossem almejados e garantidos. Se buscássemos um descritor comum para a população que se envolve nestes torneios, poder-se-ia dizer que os participantes habitam grandes centros urbanos (ou cidades médias de regiões metropolitanas no globo), têm escolaridade formal (geralmente nível universitário), são brancos em sua maioria e, em esmagadora proporção, do gênero masculino³. Além disso, muitos moram sozinhos e aproveitam as viagens proporcionadas pela participação nos eventos para férias e turismo (convencional e também sexual). No quesito renda, notadamente possuem recursos suficientes à participação, ao turismo local, à uma hospedagem confortável⁴ e, além disso, dispõem de reservas para prolongar a estadia ou agregar roteiros turísticos, nos dias posteriores ao evento em si⁵. E não é raro encontrar ex-atletas “aposentados/as” e/ou mesmo ex-técnicos/as (que passaram grande parte de suas vidas profissionais no *armário da sexualidade*, como diria Eve Sedgwick, 2007) participando destes encontros esportivos.

Origem de todas as manifestações esportivas contemporâneas para tais sujeitos, estes jogos emergem no bojo das ações políticas oriundas do momento pós-revolução sexual, na esteira dos efervescentes debates sobre “identidades” sexuais e de gênero.

² Parte do material trabalhado neste tópico já foi publicado em Camargo e Rial (2011).

³ Sendo visivelmente a maioria composta por homossexuais masculinos (homens gays). Esse perfil prévio (e generalizante) dos participantes foi sistematizado a partir de um *survey* aplicado durante etnografia realizada nos II World OutGames, entre julho e agosto de 2009.

⁴ Os hotéis oficiais dos eventos são sempre cinco estrelas, como as cadeias Sheraton, Hyatt e Mercury.

⁵ Fazer programas turísticos e prolongar viagens foram informações que apareceram nos eventos pesquisados. Em referência a um perfil econômico do segmento LGBT há o artigo de Juan Marsiaj (2003), que no entanto, não problematiza o âmbito esportivo. Sobre “turismo gay”, há o trabalho de Howard Hughes (2002).

O artífice criador dos Gay Games foi Tom Waddell, um respeitado atleta que havia galgado o 6º posto no *ranking* final da prova de *Decathlon*, na Olimpíada do México, em 1968 (BOSCH & BRAUN, 2005; PRONGER, 1990). Apesar de oriundo de eventos esportivos *mainstream*, era engajado politicamente e defendia a prática do esporte como exercício político⁶. Considerado, portanto, o “pai dos jogos” (BOSCH & BRAUN, 2005, p. 186), foi a partir de sua iniciativa que os Gay Games passariam a uma existência institucionalizada de prática esportiva de/para LGBTs, além de incluir, ao mesmo tempo, atletas heterossexuais identificados à causa de um mundo sem barreiras e preconceitos no sistema esportivo – pelo menos, este era o discurso oficial. Para entender a importância que a literatura esportiva confere a Waddell, basta dizer que ele estaria para os “Jogos Olímpicos Gays” assim como o Barão de Coubertin está para os Jogos Olímpicos Modernos. Sua proposta assentava-se contra a formação de “ambientes restritivos” (guetos) naquelas competições e defendia a ampla participação baseada no *fair play*, pois entendia que apesar de o esporte trazer a igualdade formal de chances, excluía a maioria.

Com o lema de Waddell ainda estampado no subtexto da organização (*participação, inclusão e melhor de si*)⁷, ela possui *site* na internet, um comitê diretor (com equidade de gênero) e representa quatro continentes (exceto África). Para o processo seletivo de cidades-sedes interessadas na realização dos jogos, a FGG procede de forma semelhante aos processos convencionais do Comitê Olímpico Internacional (COI) e, após meses de vistorias e análises no relatório de intenções das candidatas, decide-se pelo melhor projeto.

De uma orientação “alternativa” a competições heteronormativas convencionais e com forte tendência inclusiva, os *Gay Games* têm adquirido, ultimamente, contornos de um “projeto exclusivo”, seja pela ampla dominação esportiva *gay* masculina (que invisibiliza outras minorias), seja pela constituição de espaços “heterofóbicos” (categoria nativa) e endógenos, autoconstruídos para o júbilo coletivo. O sentimento expresso a seguir resume tais explicações em termos similares,

⁶ De acordo com Judy Davidson (2006), mesmo durante a participação nas Olimpíadas de 68, Waddell protestou contra a ação racista do Comitê Olímpico Norte-americano em punir John Carlos e Tommy Smith pelos gestos de punhos cerrados no pódio, em referência direta ao *black power*.

⁷ “Mission, Vision, and Values”, Federation of Gay Games (ver referências).

Estava com o nadador brasileiro cinquentão à beira da piscina, quando ouvi seu desabafo. “Tudo bem, sou cinquentão e daí?”, *riu, me olhando em seguida*. “Eu não disse nada”, afirmei, *rindo também*. “Pois é, e vou ter que competir com aquele cara ali”, *mostrou-me alguém se alongando e eu disse*, “sim, claro, ele está na tua categoria? Se sim, isso é esporte, ou não? *Ele replicou*, “mas você sabe que ele é hetero?” [pausa]. “Eu quero o corpo dele, isso sim!”, *afirmou*.⁸

Tais tendências geraram, nos idos de 2003/2004, uma onda de insatisfação a ponto de provocar a emergência de um movimento que propôs organizar um campeonato esportivo “dissidente” e “inovador”, para além do “exclusivismo” e de encontro a demandas mais *queer* do cotidiano LGBT⁹. Pela primeira vez emerge, em âmbito global, uma nova estrutura organizacional como opção, a dos *OutGames*, proposta pela *Gay and Lesbian International Sports Association* (GLISA).

Assim, foram criados os primeiros “Jogos Mundiais da Diversidade” (tradução livre), batizados de *OutGames*, com supervisão e acompanhamento desta associação, a partir de prestação de serviços de uma estrutura “mais profissional e menos militante”¹⁰. Cabe destacar que o formato padrão dos *OutGames*, diferentemente dos *Gay Games* que propõem a execução apenas de um programa de esportes, baseia-se na realização de uma conferência de fomento à cultura e aos direitos humanos LGBT, prévia à semana dos jogos¹¹. Do ponto de vista geopolítico, enquanto a FGG atua e tem grande influência em território estadunidense, a GLISA trata de angariar apoiadores em todas as partes do mundo, sobretudo em países pobres e em desenvolvimento¹².

⁸ 50 anos à época, nadador brasileiro participava da categoria *máster* nos jogos. Depoimento registrado em diário de campo, 02 ago. 2010, nos jogos de Colônia, Alemanha.

⁹ Termo usado de modo contestatório, que propõe demandas como a discussão sobre os grupos excluídos do movimento esportivo, ou mesmo sobre direitos humanos e políticos de grupos raciais subalternizados, ou ainda a condição de pessoas de “cor” e gêneros desviantes e a homofobia generalizada (no esporte por exemplo).

¹⁰ Tal aspecto foi constatado nos campos etnográficos dos II World OutGames de Copenhagen-2009 e dos II North American OutGames de Vancouver-2011 junto aos discursos oficiais dos comitês organizadores.

¹¹ Uma crítica que pode ser tecida ao “novo formato” é a falta de intercâmbio entre os sujeitos que participam da conferência e os/as atletas que competem. Não há interligação entre grupos e mesmo discussões de interesses em comum, salvo raras exceções.

¹² Analisando a “geopolítica” estratégica da GLISA (via programa Outreach de auxílio financeiro) é possível perceber a preocupação na atração de pessoas vindas de áreas onde ainda a

Após a realização do primeiro evento, não demorou muito para se estabelecer um fogo cruzado sobre quem detinha o melhor modelo de realização de competições esportivas específicas para o movimento internacional LGBT: de um lado os americanos e sua política de orgulho dos ‘Gay Games’, de outro, os canadenses, parte dos europeus e a esmagadora maioria dos países “fora do circuito”¹³, que defendiam “algo a mais” além do esporte de competição.

Para entender melhor a dimensão de alcance destas competições esportivas LGBT, seria interessante compará-las em números com os dois eventos máximos dentro do sistema esportivo global contemporâneo: as versões de verão dos Jogos Olímpicos e Paraolímpicos¹⁴. Enquanto os *Gay Games VIII*, de Colônia-2010, contaram com a participação de 12.900 atletas, as respectivas edições olímpica/paraolímpica em 2008, em Beijing (China), registraram, respectivamente, 10.500 e 4.800 atletas¹⁵. A primeira versão dos *World OutGames* em Montreal-2006 igualmente não deixou a desejar: foram “(...) mais de 16.000 participantes, de cerca de 120 países e assistência de 250 mil visitantes”¹⁶. Como se pode constatar a partir das edições já realizadas, a participação nos *Gay Games* tem aumentado a cada edição e nos *World OutGames* ainda é cedo para tecer qualquer análise¹⁷.

Se isolarmos, dessa forma, a variável “número de atletas” se pode destacar que as competições esportivas LGBT são voltuosas pelo conjunto de participantes que atraem e que poderiam ser “megarituais globais” (RIBEIRO, 2000) ou “megaeventos esportivos” (RITCHIE; SHIPWAY; CLEEVE, 2009), assim como as Olimpíadas e as Copas do Mundo de futebol (masculino). No entanto, só não o são pois não apresentam a mesma visibilidade global e nem se constituem como alvo de investidores esportivos, estando excluídas do

homossexualidade é criminalizada, ou mesmo onde os direitos básicos de respeito à diversidade sexual não se cumprem.

¹³ Nos últimos anos foram criadas a GLISA North America, GLISA South America, GLISA Europe, GLISA Asia-Pacific. Praticamente em oito anos o “modelo” alternativo de gerenciamento esportivo LGBT tem sobrepujado a hegemonia mundial da FGG.

¹⁴ Jogos e campeonatos para pessoas portadoras de deficiência físicas e sensoriais. São realizados poucas semanas após os Jogos Olímpicos convencionais (CAMARGO, 2000).

¹⁵ Registros de campo, a partir de coleta de dados nestes jogos mencionados.

¹⁶ “The games in short” (ver referências).

¹⁷ Em 2006 os jogos foram bem sucedidos, mas deixaram prejuízos para a cidade de Montreal. Sua segunda versão, em 2009, ocorreu de forma mais modesta com 5.518 participantes (4590 atletas), de 92 países (WORLD OUTGAMES COPENHAGEN, 2009). Em 2013, na terceira edição global, tal tendência modesta se repetiu.

“mercado internacional do esporte” (SOARES e VAZ, 2009). Além disso, excetuando-se tal variável, tais torneios estão totalmente fora dos critérios que são reconhecidos e que legitimam, frequentemente, um fenômeno como “megaevento”, seja porque não apresentam espetacularidade e apelo midiático (ou não estariam no panorama midiático, segundo Appadurai, 1994), não carregam popularidade, angariam patrocínios inexpressivos, não movimentam alta quantia de dinheiro, dentre outras particularidades.

Desse modo, minhas incursões etnográficas indicaram um fator novo, que faz emergir elementos não identificáveis tão visivelmente em outros eventos esportivos convencionais: o circuito de festas é um elemento incentivador da participação (e mesmo de todos os trâmites relativos à viagem, ao deslocamento e afins) e, além disso, para muitos sujeitos a variável “sexo” entra em jogo como determinante para a participação, seja para buscar outro atleta para “fazer a três” (em referência ao sexo entre três ou *threesome*), como se referiu um casal entrevistado em Colônia-2010, ou simplesmente para encontrar outros parceiros para relações sexuais fortuitas.

Por isso, a partir do próximo tópico pretendo explorar o circuito de festas que envolve as competições esportivas LGBT, mesmo antes de falar das práticas de sexo que as envolvem.

O CIRCUITO DAS FESTAS

As festas são elementos importantes ligados aos ambientes esportivos das competições LGBT. Elas incitam sociabilidade, colocam em circulação os sujeitos e promovem encontros sexuais. Em realidade, de diferentes maneiras, elas foram mencionadas pelos meus interlocutores, mesmo quando alguns deles as consideravam “perniciosas” para seus rendimentos atléticos. Elas são, em minhas considerações, elementos simbólicos constituintes do imaginário do sujeito que participa (ou pretende participar) dos eventos esportivos em questão.

Antes de examiná-las mais detalhadamente, é fundamental que se faça uma ressalva: as competições LGBT ocorrem em diversas partes do globo e, em que pese serem eventos globais e partícipes do “mundo gay globalizado”, lidam, ao mesmo tempo, com distintas formas de sociabilidades, no tocante à *party culture*, ou à *drug culture* ou mesmo à *sex scene*, algo que logo será abordado no terceiro tópico. Isso deve ser frisado, pois são localidades/países

com diferentes (homo)culturas, que determinam também modos distintos de (homos)sociabilidade.¹⁸

Tais ocasiões festivas correlacionadas aos eventos esportivos internacionais, portanto, podem ser divididas, basicamente, em dois grupos: as que são “planejadas”, participando da programação oficial – por exemplo, a “White” ou “Color” *party*, ilustradas nos folders apresentados a seguir – e as que se desenrolam nos “circuitos alternativos” ao institucionalizado¹⁹ e, por isso mesmo, locais preferidos pelo grande público e onde, de fato, é estabelecido o “escambo” de orgasmo por orgasmo, para usar um termo de Pollak (1987), em referência aos encontros sexuais entre participantes.

As organizações propriamente ditas (FGG e GLISA) não assumem, institucionalmente, o planejamento e nem a execução das festas. Apenas concedem o direito para dados grupos de se utilizarem do logotipo do evento e de se dizerem “oficiais”. Outro detalhe importante é o que diz respeito à assistência a tais ocasiões. As festas de abertura são as mais numerosas, nas quais, seguramente pelo que vi em campo, são frequentadas pela imensa massa de atletas participantes dos eventos. Ou seja, são festas em amplos locais, com vários bares disponíveis, grande quantidade de mão-de-obra funcionária, para um montante de aproximadamente 10 a 20 mil pessoas. Como tais festas não são fechadas para o público externo e muitos sujeitos levam/convidam seus agregados (amigos/as, conhecidos/as, namorados/as e familiares), não é incomum ter um ambiente absurdamente lotado e intransitável, muitas vezes insuportável pela falta de condições básicas, como ventilação, adequados banheiros e espaços para a circulação. Ao contrário, porém, a festa oficial do encerramento é esvaziada e não chega a atingir 40% do montante da primeira. Pelo menos foi o que apurei em situações etnográficas e em conversas com membros das organizações destes eventos. Nos *folders*, em geral, a referência ao esporte é característica bastante comum, como se vê na figura 1:

18 Os circuitos de festas ocorreram paralelos aos eventos: II World OutGames (Copenhagen-2009), VIII Gay Games (Colônia-2010), II North American OutGames (Vancouver-2011)

19 Há também a “Black party”, arquitetada em contraposição à “White” e parte do circuito off oferecido. Em geral, ela reúne os sujeitos adeptos de práticas de S/M (sodomasoquistas), que vestem couro ou trajes pretos emborrachados, contrários ao ambiente “vanilla” (convencional) de outros encontros festivos homossexuais.

Figura 1 - Festa oficial de abertura (Gay Games VIII).



Figura 2 - Festa oficial de encerramento (Gay Games VIII).



Ceguei da *White party* agora e tomo algumas notas antes que o sono me pegue. Apesar de cansado, me considero feliz por estar escrevendo aqui sentado no hotel do que naquele imenso mar de braços e corpos. A festa foi no galpão da Kölnmesse, distante de tudo, mas tinha que ser assim, pois não caberiam tantas pessoas juntas num só local, se fosse num dos bares do circuito gay da

cidade. Colônia é, literalmente, um pombal. E foi justamente essa sensação a minha hoje, nos aglomerados para pegar bebidas ou nas imensas filas que se formavam nos banheiros. Preferi não beber a noite toda a enfrentá-las. Acho que estou ficando velho! Não tenho tanta paciência mais para muita gente junta. Importante era ver a circulação e interagir com alguns sujeitos. Pelo menos fiz um contato com um atleta de Hamburgo, do futebol. Vou tentar marcar uma conversa. (Registro de campo, 31 jul. 2010)

As festas dos “circuitos alternativos” ao institucional, por sua vez, ainda podem ser de dois tipos: as que são oferecidas por bares e boates da cidade onde ocorre a competição esportiva e as que são planejadas e organizadas espontaneamente pelos próprios sujeitos. Essas últimas são aleatórias e difíceis de serem acessadas, pois são *private parties*, isto é, festas privadas, geralmente em residências, coberturas de hotéis, motéis ou ainda em apartamento locado por algum atleta, que convida seus amigos “mais íntimos” (e também *fuck buddies*, ou parceiros de transa), os quais podem, de repente, levar um ou dois outros amigos (também “de confiança”) para participarem de rituais de sexo grupal. Apesar de ter mapeado algumas poucas destas ocasiões, não é fácil participar delas e, em geral, é preciso ter “inside connections”, conforme me relatou um interlocutor filipino, que tinha sido chamado como “convidado de honra” por sua “beleza exótica”, nas palavras dele.²⁰

O outro tipo é o das festas do circuito cidadão. Normalmente elas são elencadas e publicadas em revistas de circulação de informação entre o público LGBT. Algo incomum no Brasil, em vários países em que estive há um guia que serve para os sujeitos se localizarem no mundo do entretenimento gay e lésbico, geralmente em formato de revista. Em Copenhague identifiquei à época a publicação *Out & About*, que trazia além do roteiro, anúncios de locais específicos para compras de roupas mais “transadas”; em Colônia encontrei a *Box* e a *Blu*, ambas publicações da porção oeste da Alemanha (região mais populosa do país), que perfilam informações de bares, boates e saunas, mas também artigos sobre saúde LGBT, prevenção de DSTs²¹ e AIDS e anúncios de busca (por sexo, parceiros, grupos de ajuda, endereços de psicanalistas, etc.); em Vancouver achei uma multiplicidade de magazines, desde os

20 Aqui se pode ressaltar o “poder libidinal” exercido por corpos não hegemônicos em situações mainstream, conforme nos ensinou Néstor Perlongher (2008) acerca dos michês pretos e pardos no mercado do sexo em São Paulo, nos anos 1970-1980.

21 Doenças sexualmente transmissíveis.

relacionados diretamente aos assuntos da “comunidade” (como o *Xtra! Vancouver Gay & Lesbian news*) até um guia de negócios direcionados ao público LGBT (*The Gay and Lesbians Business Association of BC*), que trazia inúmeras lojas de produtos, roupas íntimas, acessórios, filmes, móveis de decoração, produtos de beleza, massivamente “seduzindo” os consumidores. De todas as publicações, no entanto, a mais interessante é a revista *Siegeessäule*, de Berlim, Alemanha. É um compêndio que traz informações similares às demais listadas anteriormente, mas com um diferencial: convida especialistas acadêmicos para escreverem sobre o “mundo LGBT”, das dimensões sociopolíticas às culturais e esportivas, passando por problemas como homofobia, xenofobia, assassinatos de transexuais, adicção de prostitutas/as e problemas com migração e permanência de não cidadãos na Alemanha (e na UE, por conseguinte).

Como as festas – em geral, mas nem sempre — evocam algum elemento do mundo esportivo como componente atrativo aos sujeitos LGBT, gostaria de tratar de duas delas, realizadas em momentos distintos, ocorridas no ano dos VIII Gay Games, em 2010, dentro do “circuito nacional alemão” de festividades relativas aos jogos, mas que foram realizadas na cidade de Berlim.

A Figura 3 é um folheto propagandístico da festa de um clube de classe média-alta chamado “Club GMF”. Tal festa específica ocorreu no verão de 2010, no dia oficial da “Parada Gay” (*Christoffer Street Day - CSD*) da cidade. Não é feita com frequência, nem é tão famosa quanto a *Athlete’s Party* de um outro famoso clube de sexo da cidade. Sugiro dizer que o tema “esporte” (ou o que se fetichiza sobre ele no senso comum) é pensado para atrair o maior número possível de sujeitos, uma vez que seria o encerramento oficial da “Parada Gay”, uma das maiores da Europa.²²

Vê-se o lugar comum do torso desnudo e torneado – imagem comum e sempre referenciada em casas noturnas com predomínio de homossexuais masculinos –, a bola de futebol e o provocativo anúncio de “saída do armário” do/no futebol. É interessante o chamariz para a festa a partir de um esporte tradicionalmente (mas não necessariamente) considerado “hipermasculino”. A referência atinge o futebol, considerado o “mais masculino” e heterocentrado esporte do mundo esportivo (ANDERSON, 2005).

22 O GMF é considerado um local de “gays ricos e bem apessoados”, disseram meus interlocutores e eu também pude constatar em campo. Excetuando-se festas em ocasiões especiais, a única noite em que a casa abre é no domingo pela noite, das 23 às 6:00 da manhã da segunda-feira.

A provocação do folder não é apenas uma ironia (*coming out* futebolístico), mas também cumpre uma função fetichista nos frequentadores, uma vez que grande parte deles “sonha” (ou deseja) “pegar” um jogador de futebol (algum dia). Isso foi o que ouvi em conversas informais, em ambientes competitivos etnografados. Ao contrário de outras festas que conclamam a presença de “atletas”, esta foi bastante convencional, inclusive, no tocante ao vestuário do público. Raros eram os visuais que fugiam da “calça jeans, camiseta, tênis da moda e pasta/gel no cabelo”. Apesar de ter sido realizada no verão (do hemisfério norte) e mesmo tendo como tema central o “esporte”, essas condições não foram suficientes para provocar mudanças, nem no vestuário, nem nos comportamentos do público frequentador.

Figura 3 - Folder da casa noturna berlinense “GMF”

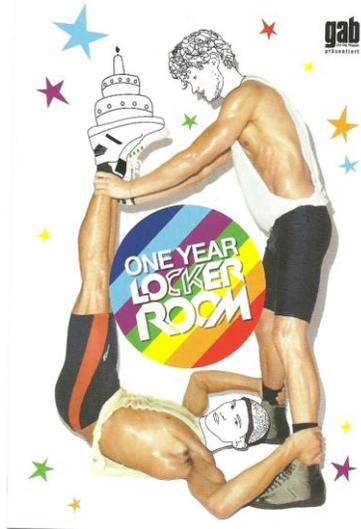


Mesmo num momento de encerramento de uma das ocasiões festivas mais esperadas do verão, como é o caso da Parada Gay, o público “se comportou” como nos dias convencionais da casa, onde o “beijar na boca e beber é conhecer pessoas, é estar em relação com elas”, como destaca Carlos Eduardo Costa (2009, p. 38) sobre os encontros festivos universitários.

O próximo caso é de um local chamado “Locker Room”, que abriu suas portas em 2009 e teve, durante bom tempo, dificuldades para atrair clientes. Tentando atingir um público distinto para consolidar uma frequência duradoura, o bar tentou várias possibilidades, inclusive *show* de *Drag Queens*, mas de nada adiantou. Com o passar do tempo, a casa se “especializou” num público de menor poder aquisitivo, passou a cobrar apenas 4 euros pela entrada, e como uma espécie de chamariz para aumentar a circulação, resolveu organizar uma “festa esportiva”.²³

O aniversário de um ano teve a temática “esporte” e apesar de amplamente divulgada (em outras boates, bares de sexo, saunas e boca-a-boca), foi uma catástrofe em termos de frequência, uma vez que éramos, lá dentro, cerca de vinte ou trinta pessoas.

Figura 4 - Folder da casa noturna berlinense “Locker Room”.



Não me arrisco em (e nem acho pertinente) discutir fatos que fizeram o local não ser benquisto e fechar suas portas, em fins de 2010. Além de estar em uma região inóspita, o bar era “sujo” e “mal organizado”, ao menos tomando-se em comparação outros estabelecimentos comerciais destinados à

23 Apenas a título de comparação, o GMF cobra 10 euros nos domingos convencionais e 20 euros nos dias de festas especiais. Tais valores são unanimemente considerados “altos”, em comparação aos valores de outros estabelecimentos similares na grande Berlim (dados de caderno de campo).

mesma finalidade. Como último recurso antes do término, os donos resolveram estimular a concepção daquele espaço como também um “espaço para práticas sexuais”, o que também não resolveu.²⁴

Se para alguns locais o “beber e beijar” são elementos suficientes para a sociabilidade gay masculina, para outros, isso não basta. Assim, as práticas sexuais entram como componentes fundamentais destes processos de interação social e homossexualização, pensadas no contexto de bares, os quais, muitas vezes, elaboram uma lista temática de festas com fetiches de vários tipos, inclusive o relativo ao mundo dos esportes. No próximo tópico tratarei de outro bar, já mencionado anteriormente, em que as práticas de sexo se ligam com o circuito esportivo maior de eventos internacionais. Há imensa participação de homossexuais masculinos nas festas temáticas deste bar, que elege realiza a “festa dos atletas” como uma ocasião regular em seu calendário. A seguir, passarei às considerações sobre ele.

O SEXO E AS PRÁTICAS DE RISCO NO MET²⁵

Estamos numa quinta-feira de julho de 2009. Na agenda do dia está marcada uma *naked party*. Apesar de um pouco soturna, a entrada poderia ser de qualquer outro bar em Berlim, pois a cidade confere essa característica a seus sítios. Foi a primeira vez que estive no MET e fui acompanhado de um amigo, que me disse querer mostrar algo “diferente”. Na porta de acesso, apenas um homenzinho baixo, careca e mal encarado. Disse-me, secamente, “6 euros” e, ao pagamento, deixa em minha frente, sobre o balcão em que me atendia, um saco azul, de plástico, de uns 100 litros. Adepto do local e sem se preocupar em me dar informações detalhadas, meu amigo se despe na antessala ao lado. Ouvia ao fundo uma música forte, de batidas que simulavam as do coração. E os cheiros me invadiam as narinas. Não sei distingui-los, mas identifico odores de suor e de fezes. Fico tenso, com a boca seca e uma sensação de medo. Ao depositar as roupas no saco, sou marcado no braço. Um número

24 Dirk, um barman interlocutor da pesquisa, disse-me que houve a instalação de biombos de madeira e slings (rede de couro, que fica pendurado como um balanço e é usado em intercursos sexuais) para incentivar tais práticas.

25 Pensei em criar um nome fictício para respeitar o estabelecimento e as pessoas que o frequentam, particularmente porque falarei de relações sexuais e consumo de drogas in loco.

na casa dos três dígitos. A partir daí inicia-se uma experiência que mudou minha vida por completo. (Registro de campo, 09 jul. 2009).

Esse é um bar de festas temáticas, cada qual com características particulares. O que vale destacar é a “festa de atletas” (ou *athletes’ party*). Ela é justamente organizada para dar vazão à demanda de muitos sujeitos esportistas que tanto participam das competições LGBT, quando querem encontrar outros iguais que também elegem a prática de exercícios físicos com ingrediente cotidiano.²⁶

Basicamente só adentra a “festa dos atletas” quem estiver “vestido de atleta”, respeitando o *dress code*. Como nas outras ocasiões em que há exigência de vestuário específico, nessa deve ser usado algum traje que faça referência ao esporte. Os “códigos de vestimenta” são essenciais e há esforços no sentido do cumprimento desta determinação. Tomando emprestados termos de Carmen Soares (2011), que estudou as transformações no vestuário esportivo de corpos masculinos e femininos entre 1920-40, as roupas usadas pelos sujeitos, em tais ocasiões festivas, poderiam ser tomadas como verdadeiros “indicadores sexuais”, simbolicamente retratando dados signos codificados, dependendo das situações sociais analisadas.²⁷

Vale a pena observar que são registrados na literatura diferentes tipos de territórios para a “socialização sexual” de homossexuais masculinos: as ruas dos então “guetos gays” das metrópoles do hemisfério norte desenvolvido, as saunas, os cinemas, os *sex shops*, os bares e, mais recentemente, os *sex clubs*, voltados, especificamente, à prática de sexo (de distintas modalidades a orgias sexuais ou sexo grupal).²⁸ Há ainda os *dark rooms* (ou *back rooms*) – espaços

26 Aqui cabe uma ressalva: nem todo participante dos jogos é (ou foi) atleta, mas uma grande maioria tem histórico de participações no esporte desde cedo. De outra parte, nem todos os que frequentam as festas são atletas ou têm relação com esportes, mas se influenciam por ele subjetivamente de alguma forma.

27 Não comporta aqui neste espaço, mas há uma análise minha sobre quimonos, sungas e outras roupas esportivas usadas nestas festas num texto intitulado “Vestidos para o prazer: considerações sobre o vestuário esportivo das festas de atletas”, ainda no prelo.

28 Sobre o “gueto gay”, ver Levine (1979/1998) e a problematização de Perlongher (2008); acerca do processo de cruising gay nestes territórios, ver Lee (1978); a respeito da guetificação homossexual em São Paulo de metade do século XX, ver Silva (1958/2005), MacRae (1983/2005) e Perlongher (2005); sobre o resgate da discussão temática para discutir “mercado GLS” (gay-lésbico-simpatizante) de saunas, cinemas pornôs e bares/clubes voltados à prática de sexo (sex clubs), ver Simões e França (2005), Braz (2007a e 2007b); especificamente sobre sex shops e limites da sexualidade, ver Gregori (2004; 2008).

escuros ou com baixa luminosidade, autônomos ou apêndices de fundo de bares, reservados também para encontros sexuais e que entraram em extinção na era da AIDS – e os J.O. clubs (*jerk-off clubs* ou “clubes da punheta”, tradução minha), originados em território estadunidense na metade do século XX.

Tais espaços participam do que é designado, atual e sofisticadamente, por “mercado dos clubes de sexo” (SIMÕES & FRANÇA, 2005; BRAZ, 2010 e 2007a), lugares que têm origens históricas nos clubes *leathers* (de adeptos do fetiche do couro), norte-americanos, populares nas décadas de 70 e 80 do século XX e descritos por Levine (1979/1998) e por Butler & Rubin (2003).

Ainda de acordo com Silverstein & Picano (1992), os J.O. *clubs* tinham uma aura pueril e eram muito populares entre homens jovens, homo ou heterossexuais. As práticas eram restritas à masturbação, individual, coletiva e *vouyer*. Penetração, felação ou qualquer derivação das listadas anteriormente eram terminantemente proibidas. De acordo com os autores, apesar de terem se transformado nos *sex clubs* de hoje – principalmente nos últimos vinte/trinta anos – a diferença básica é que J.O. *clubs* ofereciam “práticas seguras” em detrimento do “sexo inseguro” fomentado pelos clubes de sexo atuais.

No MET, assim como em outros locais de socialização sexual de gays, é muito comum a cultura do *cruising*, isto é, o deslocamento num dado espaço em que se busca (via visão e gestos corporais) um parceiro para sexo. Lee (1978) traz uma taxonomia do *cruising gay*, realocando-o dentro do que designa “gay ecosystem”.²⁹ Para o autor há vários modos de fazer o *cruising*, como caminhando ou dirigindo (*car cruising*) nas principais ruas de bairros gays em grandes cidades (fala, especificamente, sobre as norte-americanas), passeando por bosques e praças, perscrutando potenciais parceiros sexuais em banheiros públicos ou em estabelecimentos privados específicos (como bares e clubes noturnos), à semelhança dos anteriormente citados. Há, ainda, o *cruising* por meio de anúncios em jornais e revistas, convencionais ou voltados à “comunidade” LGBT.³⁰ Todos esses meios têm certa referência às práticas

29 A noção é trazida de sistema ecológico encontrado na “natureza”, onde tal prática seria eminentemente “masculina”, e sua interpretação é que os gays conseguem, em seu ecossistema societal, serem eficientes sexualmente no sentido de conseguirem parceiros sexuais através dela (LEE, 1978, Cf. p. 3 e ss.).

30 Lee (1978) fala sobre os classificados em jornal. Mesmo tendo tratado desse assunto em fins dos 1970, num momento em que não havia internet e nem possibilidade de virtualização do *cruising*, as práticas descritas são muito similares com as do tempo atual, quando se encontram

heterossexuais em busca da prostituição feminina, com a diferença que o *cruising gay* – exceto quando há procura por garotos de programa (michês) ou a ida a estabelecimentos comerciais específicos – não envolve dinheiro, mas permuta de serviços sexuais.

Apesar das diferenças na obtenção do sexo, “gays” e “não-gays” seriam duas espécies potencialmente competitivas, mas coexistentes dentro da sociedade, na abordagem de John Lee (1978). Exceto pela visão biológica e determinista, sua argumentação de que clubes gays performatizam “territórios de caça” (*sexhunting territories*) é bastante avançada para aquela época. Tais espaços marginais emergiram, segundo ele, dentro do ecossistema gay por meio da institucionalização do *cruising*, que ocorria livremente na “natureza” da sociedade (como em parques e banheiros públicos).

O *cruising* no MET, por sua vez, acontece de modo um pouco diferente. Bar temático, com farta programação de festas de *dress codes*, é o maior espaço para prática de sexo em Berlim (mais de 500 m² de área) e está inserido no calendário do circuito internacional, direcionado principalmente para homossexuais masculinos. Lá pulveriza-se uma profusão de distintos “roteiros sexuais interpessoais” – resgatando John Gagnon (2006)³¹ – mas não pré-estabelecidos, e sim abertos, criados sob demanda, que exploram o “desejo desejando o desejo” (FERREIRA, 2008). Corpos de homens em contato, em contágio, mesclando-se, imiscuindo-se. Corpos que estariam além de uma tentativa de categorização e institucionalização do desejo. À semelhança de que Paulo Rogers Ferreira (2008) destaca em sua pesquisa quando trata do corpo fugidio do camponês assexuado pelo “texto brasileiro sobre o meio rural”,

Trata-se, portanto, da invenção de uma *subjetividade antropofágica* como profunda experimentação, acontecimento, desterritorializações de corpos, máquinas de guerra do desejo desejando o desejo, do entre-dois constitutivo dos afectos malditos, pois ressalto desde já que *o gênero não nos pega mais* [grifos do autor] (FERREIRA, 2008, p. 151).

anúncios virtuais em classificados online. Sobre pesquisas acerca do *cruising* virtual, ver: ZAGO (2013); MISKOLCI (2011; 2009); BRAZ (2007b).

31 Por roteiro o autor entende “aquilo que liga os sentimentos de desejo e prazer ou de repulsa e desintegração às atividades corporais associadas ao contato físico e aos sinais físicos de excitação” (GAGNON, 2006, p. 219-220). “Interpessoais” (produtos da interação social) seriam um dos três tipos de “roteiros” destacados por ele.

Subjetividade antropofágica é uma elaboração conceitual de Suely Rolnik (2005), que a define “(...) por jamais aderir absolutamente a qualquer sistema de referência, por uma plasticidade para misturar à vontade toda espécie de repertório e por uma liberdade de improvisação de linguagem a partir de tais misturas”. Além disso, ela “atualiza-se segundo diferentes estratégias do desejo, movidas por diferentes vetores de força, que vão de uma maior ou menor afirmação da vida até sua quase total negação” (ROLNIK, 2005, p. 99).

Em minha primeira vez por entre os corredores tortuosos do labirinto do MET, ainda sem fôlego e com o coração pulsando na garganta, uma referência me caiu de súbito: senti-me dentro de *De olhos bem fechados* (1999), acompanhando Tom Cruise adentrando ao baile de máscaras, entre sonho e realidade, entre delírios e êxtases de uma sociedade secreta, e vendo aglomerados de pessoas transando e sendo transadas. A única diferença é que não havia “mulheres” no recinto alemão, mas os movimentos dos corpos eram similares. A todos os momentos me sentia indagado, interrogado sobre minha presença ali e tal sensação funcionava como força castradora e atrativa, ambivalentes em mim. Para continuar a pesquisa nas outras ocasiões precisei passar por um “autoexorcismo” e me livrar de tal sensação persecutória e moralista.

Vagando por entre as “almôndegas” de pessoas que transam há que se estar preparado para participar, caso seja envolvido no “esquema”. O *start* pode ser dado por dois sujeitos que se beijam e atraem a atenção de outros, que a partir disso, estabelecem uma espontânea profusão de corpos, que se tocam e roçam ao redor. Proliferam-se, então, conexões. A masturbação *vouyerista* é uma das práticas comuns de *warm up*, como se diz no mundo esportivo. Ela é código, *performance*, enunciação às duplas, triplas ou infundáveis roteirizações sexuais que ocorrem de nos “caminhos de sexo”. Surgem os protagonistas das ações – que são “eleitos” pela ocasião – e alguns começam a chupá-los (felação).³² Logo se aglutinam outros, que os beijam e são beijados. Abraços por trás são comuns e os “roteiros” espontaneamente se multiplicam rapidamente, com trocas incessantes de posições e situações. Grandes grupos se formam, de sujeitos que estão ali e não estabelecem limites para suas práticas sexuais:

32 Segundo Veyne (1987), a felação e a cunilíngua eram dois comportamentos sexuais infames na Antiguidade Clássica e que sobrevivem ao tempo

Chego no MET no domingo à tarde e não tinha notado que havia uma festa temática de feriado em andamento. É a *athletes' party*. Pago, coloco meus pertences no saco e fico atordoado com a quantidade de pessoas em circulação. O espaço de trás do bar – a chamada ‘borracharia’ – está aberto e noto que isso ocorre em ocasiões especiais e no verão europeu. Vejo uma ação. Me apresso, paro, olho e percebo um garoto, nos idos dos vinte anos, sendo penetrado por um rapaz moreno, usando camisinha. Alguns olhares curiosos os observavam. De repente um corpo atlético, branco e alto adentra à roda, possivelmente procurando um ânus para seu membro ereto e avantajado. Enquanto lubrifica com cuspe seu pênis, observa o garoto. A empatia se estabelece e o garoto imediatamente se vira e é penetrado no estilo “bareback” [sem proteção] pelo altão. A massa vai ao delírio, acompanhando o entra e sai daquele mastro gigantesco no garoto franzino, e se ouvia, em coro, o incentivo “come”, “come” (...) ³³
Diário de campo, 22.08.2010

Interessante notar essa mudança repentina de um *script* ou “roteiro” em andamento para outro, numa fluidez de movimentos. Faço referência aos roteiros padronizados identificados em casas cariocas de swing por Olívia von der Weid (2010). Ao trazer dados de sua etnografia, relata que havia regras a serem seguidas dentro de uma casa de sexo entre casais heterossexuais, com controle e regras rígidas. Por exemplo, a formação de duas mulheres e um homem até seria aceitável, mas dois homens jamais poderiam desenvolver afetos um para o outro, pois não há tolerância com a homossexualidade masculina. Algo semelhante foi salientado por Braz (2007b) acerca das convenções estabelecidas dentro das casas masculinas de sexo ou das saunas gays, como não encarar alguém quando não se tem interesse, nem se masturbar na frente de todos, pois isso afasta potenciais parceiros.

No MET são novos scripts a todo instante, inventados e reinventados segundo os desejos e seus infundáveis vetores. Os espaços são fugidios, as fronteiras movediças e sempre deslocadas. As práticas sexuais parecem não estar aprisionadas em formatos ou normatizadas por posições, funções e modos pré-estabelecidos. Tudo se mistura, transgride, transborda, e os agentes, bem como os espaços e as substâncias, estão em deslocamento permanente e autônomo lá dentro. O interessante dessa deriva, diria Perlongher no *Negócio*

33 “To come”, no inglês e na gíria sexual, significa “gozar”. No incentivo da multidão “come” (lembre-se que o MET é um bar dentro de um circuito internacional) incentivava o rapaz mais alto a gozar dentro do garoto franzino.

do Michê (2008), “é que ela é literalmente desejante, isto é, está guiada pelo desejo de realização de um ato sexual, ainda que em troca de um pagamento ou de algum usufruto simbólico”. Tais elementos (e suas intencionalidades) estariam numa terceira dimensão, nem normativa, nem tão transgressiva: mas na dimensão da “experimentação e adicção”, resgatando termos de Beatriz Preciado (2008).

De acordo com com Silverstein e Picano (1992), algumas dessas práticas poderiam ser consideradas “excêntricas”, como a *frottage* (simulação de relação sexual pela esfregação mútua do pênis contra o abdômen do parceiro) e a cópula interfemoral (esfregação do pênis entre as coxas do outro) – que se proliferam em tempos de AIDS —, as múltiplas penetrações, as transas grupais, o rodízio de penetradores em um mesmo ânus, o rodízio de vários ânus para um mesmo pênis, as práticas sadomasoquistas grupais ou em duplas. Essas últimas são bem raras nos dias de “festas dos atletas”, reservadas predominantemente para o dia temático do “Gummi/Rubber”, onde os frequentadores devem ir vestidos de roupas de borracha.

ENTENDENDO A LÓGICA DA RELAÇÃO ESPORTE-FESTA-SEXO

A peregrinação estabelecida entre as competições esportivas LGBT e os circuitos de festas a elas agregados, indicaram um fator inédito, que oferece elementos não tão facilmente identificáveis em outros eventos esportivos, dos quais tomei parte, isto é, para muitos sujeitos a variável *sexo* entra em jogo e é determinante na escolha para a participação.

Traçando um paralelo com o esporte universitário no Brasil, segundo Costa (2009), a grande maioria dos estudantes move-se para os torneios com várias expectativas em mente, dentre elas a sociabilidade, o consumo de bebidas alcólicas, o desejo de participar de festas e também de experimentar práticas sexuais, num ambiente livre de controle. Por isso, para esse autor, “a relação entre *esporte* e *feira*, decisiva no plano organizacional, não está presente somente na preparação, mas também no entendimento das atividades realizadas” (Costa, 2009, p. 33) [grifos dele].

Ao etnografar as competições esportivas LGBT e suas festas, percebi que as práticas sexuais são elementos constitutivos do planejamento da viagem aos eventos, da hospedagem e dos roteiros turísticos atrelados a eles. Há, ainda, casos de quem “utiliza” a ocasião dos jogos como um ritual de

passagem para uma “vida homossexual adulta”, onde a *première* do *coming out* é feita na participação nos Gay Games.³⁴

Portanto, para tais eventos, minha hipótese é a de que a relação *esporte-festa-sexo*, mais do que em qualquer outro evento esportivo, constitui-se como componente estimulante nas intencionalidades dos sujeitos que delas participam – apesar de não figurar como oficial nas práticas discursivas dos grupos que as organizam – e promovem a circulação dos desejos.

Os sujeitos LGBT vão para os eventos esportivos imbuídos de expectativas de um amplo espectro, ou seja, há desde os que tomam tais ocasiões como “etapas de treinamento”, passando por àqueles que veem neles múltiplas chances de encontros sexuais, até os que encaram as atividades esportivas como uma “obrigação” para provarem o “quanto gays podem ser melhores do que heterossexuais também nos esportes”, afirmação essencialista de Anderson (2005), da qual discordo.

Nesse sentido, talvez se pudesse especular: diferentes expectativas em relação a um evento esportivo se traduziriam em novas formas de entendimento sobre o mesmo e, portanto, em modos distintos de praticar o esporte? O que as festas e o circuito de sexo que envolvem (e produzem) os eventos podem contribuir no entendimento desse tipo de manifestação presente no sistema esportivo global?

Para pensar além das práticas sexuais em si e do esporte LGBT, vale a pena emprestar o conceito de *formas-representações* de Luiz Henrique Toledo (2000) e colocar em perspectiva as práticas esportivas LGBT, à semelhança do que fez Costa (2009) com os torneios universitários.

Estudando o futebol, Toledo chama atenção para a coexistência de três ‘naturezas’ justapostas que podem definir esta atividade (e o esporte, por extensão): as regras, as formas e as representações. De modo simplificado, enquanto as primeiras são as que ditam como o esporte deve acontecer, as *formas* determinam modos de jogar e regulam performances, e as *representações* seriam esquemas simbólicos de percepção da realidade no campo esportivo, atrelada às inter-relações entre atores desse espaço (como os torcedores, os especialistas e os profissionais). Como diz,

34 Caso do brasileiro, branco, de meia idade, praticante de natação, que tem álbis e personalidades distintas no cotidiano e só mesmo consegue “ser gay” quando viaja para participar dos eventos esportivos internacionais.

Formas dizem respeito às configurações que alocam os jogadores espacialmente no gramado em função de determinadas tarefas a eles delegadas pelos técnicos ou comissões técnicas. *Representações* consistem nos ajustamentos num plano simbólico de tais *formas* ou *padrões* codificados, empiricamente observados em campo, repetidos à exaustão nos treinos, confirmados (ou não) numa partida e referendados (ou não) pela memória coletiva dos conjuntos dos torcedores [grifos do autor] (Toledo, 2000, p. 164).

Disso emerge o conceito *formas-representações*, que expressa aquilo que se concebe nos discursos nativos dos sujeitos vinculado aos padrões (de conduta, treinamento, modos de jogar) determinados pelos profissionais (especialistas), ou dito de outra forma, diz respeito “à sobreposição ou indistinção entre as *formas* ou *padrões* codificados e fixados pelos *profissionais* nos treinos e as representações simbólicas mais genéricas (...), nomeadas muitas vezes como sendo o ‘estilo’ (...)” [grifos do autor] (Toledo, 2000, p. 164-5).

Nesse sentido, a *forma-representação* mais comum citada por ele é o “jogar à brasileira”, que diria respeito ao jogar “inato” e “habilidoso” do jogador brasileiro de futebol, um “estilo único” e “inconfundível”, que tende a ter uma configuração consensual, quando em realidade, deveria supor inúmeras outras injunções simbólicas. Com isso chega a afirmar que não se trata de ler o Brasil pelo futebol à moda damattiana, mas sim de tentar ler o futebol pela sociedade brasileira, em suas múltiplas dimensões (que perpassam os diversos agentes em cena, torcedores, especialistas e profissionais), desconstruindo essa forte tendência de autorrepresentação englobante intitulada “Futebol Brasileiro”.

Apesar de o antropólogo ter teorizado sobre o futebol, podem-se pensar outras modalidades e expressões esportivas, como as *práticas esportivas dissonantes* que defendo.³⁵ Contudo, duas ressalvas seriam fundamentais:

35 Ou seja, manifestações atléticas que não se enquadrariam nos moldes de reprodutibilidade técnica dos gestos corporais do universo esportivo convencional. Trabalho, atualmente, na análise e conceituação de tais práticas no pós-doutorado, junto à Universidade Federal de São Carlos, com financiamento FAPESP.

- a) não há propriamente fronteira que separe praticantes, torcedores e especialistas (particularmente técnicos) no meio LGBT, uma vez que funções e papéis se misturam o tempo todo. Um indivíduo pode ser atleta, técnico, torcedor ou mesmo espectador dos esportes, sem ter, necessariamente, que encampar uma única função. Essa “mistura” poderia performatizar uma “utopia esportiva”, sem distinções categóricas entre sujeitos, onde as funções de atleta, torcedor e profissional se misturariam o tempo todo em um mesmo sujeito.
- b) o esporte-competição de sujeitos LGBT, segundo Brian Pronger (2000), é assimilacionista e reproduz o entendimento, bem como o *know how* (gestos, estilos e jeitos de jogar/competir) do esporte convencional.

Feitas tais observações, resta indagar: as *formas-representações* no cotidiano esportivo LGBT poderiam atualizar níveis simbólicos no que se refere aos sentidos atribuídos a tal expressão esportiva pelos atores em relação? Apesar de concordar com os argumentos de Toledo, temo ser negativa a resposta para essa questão. Pois as *formas* das ‘práticas esportivas dissonantes’ são tomadas emprestadas do esporte convencional e as *representações* para os *outsiders* são nulas – visto que o esporte LGBT é invisível – e para os *insiders* são múltiplas, não sendo possível aqui discuti-las.

Dessa maneira o *ethos* festivo identificado por Costa (2009) entre os alunos dos torneios universitários, que é produto da participação das torcidas, do ambiente das festas, das bebidas alcoólicas consumidas, das relações sexuais, e que pode, efetivamente, transformar as *formas-representações* em voga no esporte universitário, pode não fazer o mesmo pelo “esporte LGBT”, primeiro porque há uma negação da festa e do sexo enquanto elementos essenciais e, segundo, porque há justamente uma insistência na afirmação de um *ethos* esportivo convencional.

A CIRCULAÇÃO DE CORPOS, DE DESEJOS E DE PRÁTICAS SEXUAIS

As competições esportivas LGBT passaram a compor o *landscape global*, em termos de Appadurai (1994), evocando sentimentos ambíguos nacionais/locais, performatizando uma cartografia dinâmica de territorialidades marginais (PERLONGHER, 1988/2005), como quaisquer

outros eventos LGBT de alcance mundial. A ideia de vínculo espacial/territorial e de marginalidade faz parte da história dos guetos como espaços físicos de segregação sociais, raciais, sexuais e afins. No entanto, para pensar as competições LGBT como *gender segregated spaces* em itinerância, há que se desterritorializar o gueto, reconcebendo-o a partir dos fluxos e fronteiras globais atuais, a la Ulf Hannerz (1997) como propus em outro momento (CAMARGO e RIAL, 2011).

Nessa esteira de deslocamentos globais de corpos atléticos, desejos e práticas de sexo, sair de uma festa temática como a do MET “sem gozar”, para usar as categorias nativas, é um “absurdo” digno de não ser pronunciado – algo indizível, “daquilo que não falamos” –, como alguns interlocutores me colocaram. Lembrei-me de Pollak (1987) quando diz que as práticas sexuais se tornaram mensuráveis em dado momento histórico da sociedade ocidental e que, portanto, no caso da homossexualidade, resulta

o isolamento do ato sexual no tempo e no espaço, a restrição a um mínimo de ritos de preparação ao ato sexual, a dissolução da relação imediatamente após o ato, o desenvolvimento de um sistema de comunicação que permita essa minimização dos investimentos ao mesmo tempo em que eleve a um nível máximo os rendimentos orgásmicos (POLLAK, 1987, p. 57).

Além disso, e resgatando Michel Foucault (1985) e os dispositivos de saber-poder acerca da sexualidade ocidental, esta incitação do discurso sobre o “gozo” (e sobre o sexo, no limite), não só é uma forma de controle de comportamentos, como faz parte de um dispositivo de poder, disfarçado de discurso liberal (e “incentivador”) das práticas sexuais.

Há um tempo que regula os corpos e suas produções orgásmicas, ou o volume de *potência gaudendi* parcial ou total de um corpo, como diria Preciado (2008), dado pelo mecanismo de “excitação-frustração”. Na profusão de corpos, substâncias, materiais, desejos tudo se mistura e se perde, uma vez que o capital ejaculante se verte em “fixo” (e capitalizável). Uma das chaves do circuito *excitação-frustração-excitação* levado ao extremo dentro do farmacopornismo “(...) é o caráter toxicológico do prazer sexual: (...) o prazer é satisfação frustrante. Essa é a divisa da economia pós-fordista

farmacopornográfica. Sua fonte última de produção e riqueza.” (PRECIADO, 2008, p. 213) [trad. livre].³⁶

Num curto trecho de sua obra, a autora espanhola sugere que ao invés de pensarmos a pornografia e as práticas sexuais como marginais e tangentes ao esporte, seria mais produtivo pensar o esporte (e mesmo o futebol como sua máxima representação) como partes de uma indústria farmacopornográfica de ordem planetária, que controlaria

[...] redes de Internet, clubes, discotecas, cadenas de producción, distribución y difusión pornográfica, industrias farmacéuticas de producción y tráfico de drogas anabolizantes y de otras moléculas que suplementen el cuerpo deportivo y sexual, al mismo tiempo que cadenas de producción y distribución de música, de ropa, accesorios y mercancías derivadas (desde camisetas con el nombre de Zidane, a desodorantes o preservativos, pasando por colorantes del cabello). (PRECIADO, 2008, p. 193) [grifos meus].

A pornografia, para autora, está encarregada da “verdade” sobre a sexualidade (lembremos Foucault novamente) e reuniria características de qualquer outro espetáculo da indústria cultural contemporânea, com exceção de seu submundo. Obviamente, as práticas sexuais de gays “esportistas” estão desterritorializadas pelo mundo nas tramas do circuito de turismo sexual LGBT internacional, uma importante produção cultural contemporânea do capitalismo farmacopornográfico. Elas se materializam quando por ocasião de um evento como uma competição esportiva, que em sua lógica estruturante prevê a relação *esporte-festa-sexo*, mencionada anteriormente. No entanto, em um clube de sexo cosmopolita na Alemanha, elas se encontram, de igual modo, territorializadas, ligadas não apenas à ocasião festiva, mas também à aclamação do esporte enquanto elemento fetichista farmacopornográfico.

Tais práticas mesmo territorializadas ali “ligam-se” (no sentido de *conectarem-se*) ao circuito maior de circulação internacional LGBT, composto por paradas gay, jogos e torneios LGBT, cruzeiros gays e lésbicos, e festas *raves*, fazendo parte de um processo contínuo e ambíguo de territorialização/desterritorialização/reterritorialização dos desejos. Meu

36 A autora denomina uma nova era na atualidade chamada de “capitalismo farmacopornográfico”, que oscila entre dois polos (opostos e complementares) das indústrias farmacológica e pornográfica, funcionando, na realidade, graças à gestão biomidiática da subjetividade, através de seu controle molecular e de produção de conexões virtuais audiovisuais.

paper tem como pano de fundo, por assim dizer, a discussão sobre como elementos pretensamente transnacionais ganham contornos locais específicos (no caso, na Alemanha) e reinserem-se novamente nas práticas (esportivas e sexuais) globais.

O que este artigo quis foi resgatar dados de uma etnografia multissituada *sui generis* e ponderar sobre o modo como as práticas sexuais de atletas em competições esportivas LGBT inserem-se nos marcos do capitalismo farmacopornográfico, colocando em circulação sujeitos, seus corpos e seus desejos. A partir da identificação das práticas eróticas no ambiente do MET abriram-se possibilidades para discussões teórico-analíticas acerca da materialização das mesmas nos espaços de limites entre normas/regras e mesmo extrapolação dessas.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, Eric. **In the game: gay athletes and the cult of masculinity**. New York: State University of New York, 2005.

BRAZ, Camilo A. **À meia-luz... uma etnografia imprópria em clubes de sexo masculino**. 2010. Tese (Doutorado), Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.

BRAZ, Camilo A. **Macho versus macho: um olhar antropológico sobre práticas homoeróticas entre homens em São Paulo**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 28, p. 175-206, 2007a.

BRAZ, Camilo A. Nem toda nudez será castigada: sexo, fetiche e s/m em São Paulo. **Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP**, São Paulo, v.1, n. 1, p. 01-11, 2007b.

BOSCH, Heike; BRAUN, Phillip. **Let the games beGay!**. Stuttgart: Gatzanis, 2005.

BUTLER, Judith; RUBIN, Gayle. **Tráfico sexual**. Cadernos Pagu, Campinas, n. 21, p. 157-209, 2003.

CAMARGO, Wagner X.; RIAL, Carmen S. **Competições esportivas mundiais LGBT**: guetos sexualizados em escala global? Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 19, n. 3, p. 977-1003, set./dez. 2011.

CAMARGO, Wagner. **O universo desportivo de cegos e deficientes visuais**: uma interpretação. 1999. 200 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

COSTA, Carlos Eduardo. **Torneios universitários**: disputas e sociabilidade nas práticas esportivas estudantis”. In: TOLEDO, L. H.; COSTA, C. E. (Org.). Visão de jogo: antropologia das práticas esportivas. São Paulo: Terceiro Nome, 2009. p. 17-44.

DAVIDSON, Judy. **The necessity of queer shame for gay pride**: the gay games and cultural events. In: CAUDWELL, J. (Org.). Sport, sexualities and queer/theory. London: Routledge, 2006. p. 90-105.

De olhos bem fechados (Eyes wide shut). Direção: Staley Kubrik. 159 min, EUA, 1999. Produção norte-americana e britânica.

FEDERATION OF GAY GAMES. *Mission, vision, and values*. Disponível: <<http://www.gaygames.com/index.php?id=56>>. Acesso em: 20 ago. 2011.

FERREIRA, Paulo Rogers. **Os afectos mal-ditos**: o indizível nas sociedades camponesas. São Paulo, Hucitec, 2008.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade**: a vontade de saber I. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GAGNON, John. O uso explícito e implícito da perspectiva da roteirização nas pesquisas sobre sexualidade. In: _____. **Uma interpretação do desejo**: ensaios sobre o estudo da sexualidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 211-268.

GREGORI, Maria Filomena. Limites da sexualidade: violência, gênero e erotismo. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 51, n. 2, p. 575-606, 2008.

GREGORI, Maria Filomena. Prazer e perigo: notas sobre feminismo, sex-shops e s/m. In: PISCITELLI, A.; GREGORI, M. F.; CARRARA, S. (Org.). **Sexualidades e saberes: convenções e fronteiras**. Rio de Janeiro: Garamond Universitária, 2004. p. 235-255.

HUGHES, Howard. **Marketing gay tourism in Manchester**: new market for urban tourism or destruction of 'gay space'? *Journal of Vacation Marketing*, v. 9, n. 2, p. 152-163, 2002.

LEE, John. Alan. **Getting sex**: a new approach: more fun, less guilt. Don Mills: Musson Book, 1978.

LEVINE, M. P. **Gay macho**: the life and death of homosexual clone (1979). New York: New York University, 1998.

MACRAE, Edward. Em defesa do gueto (1983). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 291-308.

MARSIAJ, Juan. P. Pereira. **Gays ricos e bichas pobres**: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. *Cadernos AEL: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas*. Campinas, v. 10, n. 18/19, p. 129-145, 2003.

MISKOLCI, Richard. **Machos e brothers**: uma etnografia sobre o armário em relações homoeróticas masculinas criadas online. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE SOCIOLOGIA, **Anais...** Curitiba, 2011. p. 01-25.

MISKOLCI, Richard. **O armário ampliado**: notas sobre a sociabilidade homoerótica na era da internet. *Gênero, Niterói*, v. 9, n. 2, p. 171-190, 1º sem. 2009.

PERLONGHER, Néstor. **O Negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2008.

PERLONGHER, Néstor. Territórios marginais (1988). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 266-290.

POLLAK, Michael. A homossexualidade masculina: ou a felicidade no gueto?. In: ARIÈS, P.; BÈJIN, A. (Org.). **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 54-76.

PRECIADO, Beatriz. **Testo yonqui**. Madrid: Espasa, 2008.

PRONGER, Brian. Homosexuality and Sport: who's winning? In: MCJAY, J.; MESSNER, M. A.; SABO, D. **Masculinities, gender relations, and sport**. London: Sage, 2000. p. 222-244.

PRONGER, Brian. Sex and sport. In: _____. **The arena of masculinity: sports, homosexuality, and the meaning of sex**. New York: St Martin's, 1990. p. 177-213.

RIAL, Carmen. **Rodar**: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 14, n. 30, p. 21-65, jul./dez. 2008.

RIBEIRO, Gustavo Lins. A condição da transnacionalidade. In: _____. **Cultura e política no mundo contemporâneo**: paisagens e passagens. Brasília: Ed. da Universidade de Brasília, 2000. p. 93-129.

RITCHIE, Brent W., SHIPWAY, Richerd, & CLEEVE, Bethany. **Resident Perceptions of Mega-Sporting Events**: A Non-Host City Perspective of the 2012 London Olympic Games. Journal of Sport & Tourism, 14, 2009: 143-167.

ROLNIK, Sueli. Subjetividade antropofágica. In: LINS, D. (Org.). **Razão nômade**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. **A epistemologia do armário**. Cadernos PAGU; Campinas, v. 1, n. 28, p. 19-54, jan./jun. 2007.

SILVA, José Barbosa. Homossexualismo em São Paulo: estudo de um grupo minoritário. (1958). In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 40-212.

SILVERSTEIN, Charles.; PICANO, Felice. **The new joy of gay sex**. New York: Harper Perennial, 1992.

SIMÕES, Júlio A.; FRANÇA, Isadora L. Do ‘gueto’ ao mercado. In: GREEN, J. N.; TRINDADE, R. (Org.). **Homossexualismo em São Paulo e outros escritos**. São Paulo: Ed. da UNESP, 2005. p. 309-336.

SOARES, Carmen Lúcia. **As roupas nas práticas corporais e esportivas: a educação do corpo entre o conforto, a elegância e a eficiência (1920-1940)**. Campinas: Autores Associados, 2011.

SOARES, Antônio Jorge Gonçalves; VAZ, Alexandre Fernandez. Esporte, globalização e negócios: o Brasil dos dias de hoje. In: DEL PRIORI, Mary; MELO, Victor Andrade de. (Org.). **História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais**. São Paulo: UNESP, 2009. p. 481-504.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no futebol: dimensões simbólicas de um esporte nacional**. 2000. Tese (Doutorado). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

VEYNE, Paul. A homossexualidade em Roma. In: ARIÈS, P. ; BÉJIN, A. **Sexualidades Ocidentais**. São Paulo: Brasiliense, 1987. p. 39-49.

WEID, Olivia von der. **Swing, o adultério consentido**. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v.18, n. 3, p. 789-810, 2010.

WORLD OUTGAMES COPENHAGEN/2009. *Country statistics*. Disponível em: < <http://www.copenhagen2009.org/Info/Countries.aspx> >. Acesso em: 15 jun. 2011.

ZAGO, Luiz Felipe. **Os meninos – Corpo, gênero e sexualidade em e através de um site de relacionamentos**. Tese (doutorado), Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Porto Alegre, 2013.

*Recebido em dezembro de 2014
Aprovado em fevereiro de 2015*